

A construção e a territorialização da Agroecologia na Educação do Campo no Brasil: revisão sistemática da produção científica (2014–2023)

 Romildo Castor Araújo¹,  Romier da Paixão Sousa²,  Mônica Castagna Molina³

¹ Instituto Federal do Pará - IFPA. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares/PPDRGEA. Campus IFPA Castanhal. Rodovia BR-316, km 63, Saudade II. Castanhal-PA. Brasil. ² Instituto Federal do Pará - IFPA. ³ Universidade de Brasília - UnB.

Autor para correspondência/Author for correspondence: romildo.araujo@ifpa.edu.br

RESUMO. Na última década, a agroecologia tornou-se eixo central nos projetos formativos da Educação do Campo no Brasil, sendo incorporada a experiências educacionais contra-hegemônicas em escolas do campo, institutos federais de educação e universidades. Com base em um estudo aprofundado, este artigo revisa a produção acadêmica *stricto sensu* sobre a centralidade agroecológica na Educação do Campo, no período de 2014 a 2023, com foco nos avanços, desafios e aprendizados dessa relação. Trata-se de uma Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS), baseada no exame de 83 estudos, analisados em quatro categorias. A investigação aponta um aumento expressivo de projetos e ações educativas de caráter popular voltados à agroecologia, com destaque para o protagonismo das mulheres na promoção desse enfoque no campo e na universidade. Por outro lado, nos registros de percurso, visualizam-se cenários de institucionalização frágil nos ambientes educativos, de formação docente ainda incipiente e de inserção limitada nos currículos e nas práticas pedagógicas. Conclui-se que, embora a agroecologia avance como campo de conhecimento e matriz formativa, a consolidação dessa referência depende de uma articulação político-pedagógica mais incisiva com a Educação do Campo, bem como do estabelecimento de políticas públicas permanentes e de programas estruturados de formação de educadores.

Palavras-chave: educação do campo, agroecologia, síntese sistemática.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 11	e20188	UFNT	2026	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	-------	--------	------	------	-----------------



The Construction and Territorialization of Agroecology in Rural Education in Brazil: A Systematic Review of Scientific Production (2014–2023)

ABSTRACT. Over the last decade, agroecology has become a central axis in the educational projects of Rural Education in Brazil, being incorporated into counter-hegemonic educational experiences in rural schools, Federal Institutes of Education, and universities. Based on an in-depth study, this article reviews *stricto sensu* academic production on the centrality of agroecology in Rural Education from 2014 to 2023, focusing on the advances, challenges, and lessons arising from this relationship. This is a Systematic Literature Review (SLR), based on the examination of 83 studies analyzed across four categories. The investigation points to a significant increase in popular education projects and initiatives focused on agroecology, with particular emphasis on the leading role of women in promoting this approach both in rural territories and within universities. On the other hand, the trajectories documented in the studies reveal contexts of fragile institutionalization within educational settings, still incipient teacher education, and limited incorporation of agroecology into curricula and pedagogical practices. It is concluded that, although agroecology has advanced as a field of knowledge and an educational framework, the consolidation of this reference depends on a more assertive political-pedagogical articulation with Rural Education, as well as on the establishment of permanent public policies and structured teacher education programs.

Keywords: rural education, agroecology, systematic synthesis.

La construcción y territorialización de la Agroecología en la Educación del Campo en Brasil: revisión sistemática de la producción científica (2014–2023)

RESUMEN. En la última década, la agroecología se ha convertido en un eje central de los proyectos formativos de la Educación del Campo en Brasil, incorporándose a experiencias educativas contrahegemónicas desarrolladas en escuelas rurales, institutos federales de educación y universidades. A partir de un estudio en profundidad, este artículo revisa la producción académica *stricto sensu* sobre la centralidad de la agroecología en la Educación del Campo, en el período comprendido entre 2014 y 2023, con énfasis en los avances, desafíos y aprendizajes derivados de esta relación. Se trata de una Revisión Bibliográfica Sistemática (RBS), basada en el examen de 83 estudios, analizados en cuatro categorías. La investigación señala un aumento significativo de proyectos y acciones educativas de carácter popular orientados a la agroecología, con especial énfasis en el protagonismo de las mujeres en la promoción de este enfoque tanto en el ámbito rural como en la universidad. Por otra parte, los recorridos registrados en los estudios muestran escenarios de institucionalización frágil en los espacios educativos, una formación docente todavía incipiente y una incorporación limitada de la agroecología en los currículos y en las prácticas pedagógicas. Se concluye que, aunque la agroecología avanza como campo de conocimiento y matriz formativa, la consolidación de esta perspectiva depende de una articulación político-pedagógica más consistente con la Educación del Campo, así como del establecimiento de políticas públicas permanentes y de programas estructurados de formación de educadores.

Palabras clave: educación del campo, agroecología, síntesis sistemática.

Introdução

Na última década, observou-se o crescimento de experiências educativas sob a perspectiva da agroecologia em diferentes níveis educacionais e formas de oferta, realizadas a partir do chão dos territórios sociais e ecológicos de camponeses e camponesas, em várias regiões do Brasil, que mobilizam os princípios da agroecologia com finalidades pedagógicas e sociopolíticas. Os processos formativos em agroecologia se desenvolvem em contextos marcados por contradições (Sousa, 2017) e são protagonizados por diferentes sujeitos que, postos em relação, tensionam o sistema do capital em defesa de outro projeto de campo, de desenvolvimento e de educação.

A agroecologia, enquanto matriz educativa, questiona as exigências formativas da pedagogia do capital (Dias *et al.*, 2021), historicamente fundamentada no paradigma da agricultura produtivista e na dependência da indústria agroquímica (Jacob, 2011). A Educação em Agroecologia, termo representativo de uma aproximação dialética das diferentes ciências naturais, sociais e humanas com a agroecologia (Sousa et al., 2021; Silva & Vasconcelos, 2021), assume a vida, a diversidade, a complexidade e a transformação de camponeses e camponesas em territórios nos campos, nas águas e florestas do Brasil como princípios fundamentais e orientadores de outras formas de construir conhecimentos, rumo à materialização de uma educação transformadora, inclusiva e emancipatória, enraizada nos territórios, na diversidade e na complexidade (Seminário Nacional de Educação em Agroecologia, 2023).

O aumento expressivo de projetos educacionais inspirados na perspectiva agroecológica é precedido pelo crescimento de pesquisas acadêmicas de mestrado e doutorado em universidades brasileiras, com distintas abordagens do enfoque agroecológico nos espaços de educação formal, desde a educação básica até a superior. Os estudos trazem relatos de experiências que, na atualidade, ampliam o debate e propõem entendimentos acerca da presença agroecológica nos contextos escolares do país, destacando avanços, desafios, contradições e perspectivas decorrentes dessa relação.

Como nos relembra Caldart (2020, 2022), o encontro da agroecologia com a Educação do Campo é um paradigma necessário e em construção, e é nesse contexto que este artigo se desenvolve, sendo a sistematização concebida em torno da questão central: como os princípios e fundamentos da agroecologia estão sendo incorporados no campo da Educação

no Brasil e o que as pesquisas científicas em nível de mestrado e doutorado revelam acerca dos avanços, desafios e aprendizados dessa relação? O questionamento inicial motivou a presente investigação, que busca identificar e discutir os avanços, desafios e aprendizados acumulados nos processos de internalização do paradigma da agroecologia no campo da Educação no Brasil, com base em pesquisas acadêmicas de mestrado e doutorado publicadas entre 2014 e 2023.

Considerando a agroecologia um campo de conhecimento transdisciplinar e integrador de diferentes áreas da ciência (Caporal, 2009; Aguiar, 2010), situada nas condições concretas e objetivas da vida social (Frigotto, 2012), este estudo analisa seu enfoque na Educação do Campo a partir de dimensões estruturantes, envolvendo processos de institucionalização, questões curriculares e pedagógicas, formação docente e dinâmicas políticas. A abordagem ampliada possibilita compreender, de forma integrada, o que está posto sobre a agroecologia em projetos formativos da Educação do Campo, sob a lente da pesquisa científica.

Por fim, a RBS integra o esforço dos autores para contribuir para o debate acadêmico e social acerca do tema envolvendo agroecologia na Educação do Campo, pela articulação de perspectivas teóricas e práticas.

Metodologia

Conforto, Amaral e Silva (2011) descrevem a RBS como uma metodologia de coleta, compreensão, análise, síntese e avaliação de um conjunto de estudos científicos, com o objetivo de construir um embasamento teórico-científico sobre determinado tema de pesquisa. Tranfield, Denyer e Smart (2003) especificam que a condução da RBS envolve três etapas principais: planejamento da revisão, condução da revisão e elaboração do relatório e divulgação dos resultados.

A presente revisão foi realizada no Banco de Teses e Dissertações *online* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), disponível no endereço eletrônico <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>. A coleta de dados ocorreu de agosto a dezembro de 2024.

Inicialmente, realizaram-se buscas pelo termo “agroecologia” no título. O repositório retornou um total de 5.493 publicações até 21/10/2024. Diante do número

expressivo de textos, refinamos a pesquisa por meio da definição de palavras-chave coerentes com a temática investigada: educação, formação, institucionalização, currículo, popular, ambiental, profissional, educadores/as, emancipação. Em uma nova pesquisa, os termos foram combinados em diferentes ordens com a palavra “agroecologia”, resultando em um total de 1.575 textos. A literatura encontrada foi submetida aos critérios de inclusão e exclusão, sistematizados no quadro 1.

Quadro 1: Categoria, critérios de inclusão e de exclusão.

CATEGORIA	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO
Acesso	Acesso gratuito e na íntegra do texto em formato digital; Idioma português do Brasil; Teses e Dissertações defendidas no período de 2014 a 2023;	Estudos duplicados (1); Impossibilidade de acesso ao texto integral (2); outros idiomas (3); Estudos fora do recorte temporal (4)
Foco	Coerência com o tema de pesquisa: relação entre agroecologia e educação.	Assunto impertinente para o tema (5);
Temática	Estudos vinculados a uma prática concreta de Educação em Agroecologia.	Estudos que se limitam a reflexões teóricas/conceituais sobre o tema, desvinculados de uma prática educativa (6); estudos que discutem a temática em segundo plano (7).

Fonte: Adaptado de Suzuki e Bonfá Neto (2019).

A aplicação dos critérios de inclusão e exclusão selecionou 290 documentos, que foram submetidos aos filtros, conforme orientação de Conforto, Amaral e Silva (2011).

Quadro 2: Etapas de filtragem de teses e dissertações.

FILTRO 1	FILTRO 2	FILTRO 3
Leitura do título, do resumo e das palavras-chave.	Leitura do título, resumo, palavras-chave, introdução, sumário e conclusão.	Leitura do conteúdo na íntegra.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

O primeiro filtro resultou na seleção de 176 produções. Alguns textos estavam indisponíveis na base de dados, razão pela qual foram excluídos. No segundo filtro, 142 manuscritos foram considerados, com a exclusão daqueles que abordavam a perspectiva da agroecologia com pouca ou nenhuma relação com a educação, ou vice-versa. Os documentos selecionados nesta etapa foram lidos na íntegra.

Quadro 3: Documentos selecionados para a análise.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	TIPOLOGIA	N.º DE DOCUMENTOS	REPERTÓRIO BIBLIOGRÁFICO
A perspectiva agroecológica em universidades e institutos federais de educação	Dissertações	9	Simoni (2014); Araújo (2017); Guimarães (2017); Pereira (2017); Troilo (2017); Marlière (2018); Almeida (2019); Miranda (2019); Pinheiro (2019).
	Teses	3	Coutinho (2018); Engelmann (2020); Carvalho (2023)
Currículo, práticas pedagógicas e socialização de saberes em agroecologia.	Dissertações	41	Amador (2014); Campos (2014); Gomes (2014); Miranda (2014); Zanelli (2015); Marinho (2015); Couto (2015); Mocellin (2016); Lima (2017); Funez (2017); Loureiro (2017); Vieira (2017); Santos (2018); Lobo (2018); Almeida (2018); Leal (2018); Medeiros (2018); Mombach (2018); Gomes (2019); Oliveira Júnior (2019); Simas (2019); Souza (2020); Garcia (2020); Ramos (2021); Santos (2021); Paulino Filho (2021); Castro (2021); Castro (2022); Teixeira (2022); Bitencourt (2022); Cazzanelli (2022); Pinto (2022); Melega (2023); Cardoso (2023); A. P. Oliveira (2023); Araújo (2023); Lima (2023); Nogueira (2023); J. C. M. da Silva (2023); Sacani (2023); L. S. da Silva (2023).
	Teses	3	Amaral (2019); Silveira (2020); Coelho (2021).
Agroecologia na formação de educadores/as do campo	Dissertações	4	Pinto (2014); Almeida (2016); Santos (2020); Mello (2023).
	Teses	3	Carcaioli (2019); Siqueira (2020); Almeida (2023).
Agroecologia, Educação e Emancipação	Dissertações	14	Serrano (2014); Silva (2014); Soares (2015); Toná (2016); Kusniewski (2018); Trigueiro (2018); Vieira (2018); Brandão (2019); Rodrigues (2019); Abreu (2020); Kubiak (2023); Mascarenhas (2023); Neto (2023); Souza (2023).
	Teses	6	Pereira (2015); Souza (2018); Silva (2020); Vergütz (2021); Busko (2022); A. V. Oliveira (2023).

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Ao final, foram selecionados 83 estudos, que foram sistematicamente organizados e analisados com base nas categorias predominantes identificadas ao longo dos processos de triagem e de leitura.

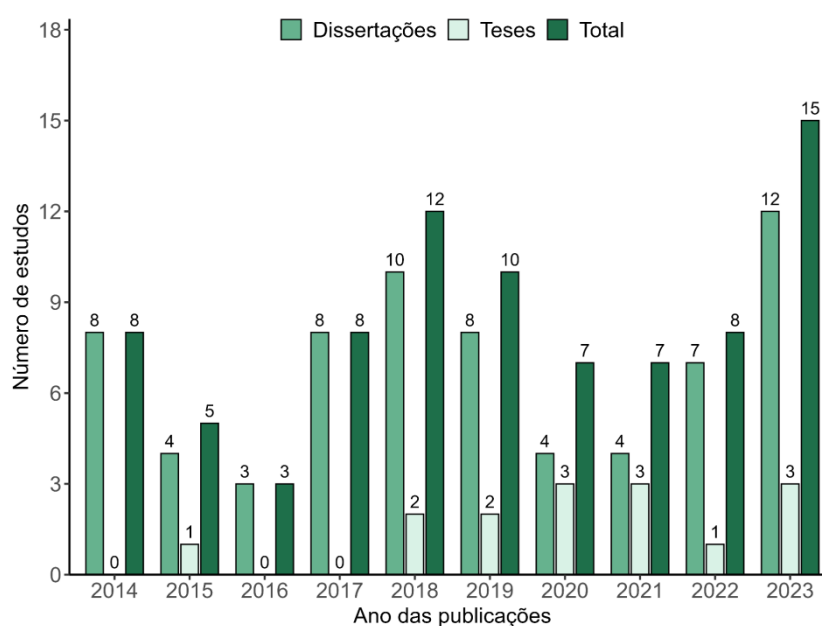
Resultados/Discussões

A partir deste tópico, adentramos na última etapa da RBS, que consiste na redação do relatório e na divulgação dos achados, conforme orientam Tranfield, Denyer e Smart (2003). Nesta parte constam a caracterização dos estudos, a análise da produção científica e a elaboração de sínteses descritivas dos trabalhos, acompanhadas de uma leitura crítica dos resultados e das evidências.

Aspectos gerais dos estudos

A revisão resultou na inclusão final de 83 estudos, dos quais 68 (81,9%) são dissertações e 15 (18,1%) teses. Nota-se a predominância de dissertações sobre a temática investigada, em relação aos estudos em formato de teses. A organização dos estudos em ordem cronológica permitiu visualizar a evolução do tema entre 2014 e 2023.

Gráfico 1: Distribuição temporal dos estudos.

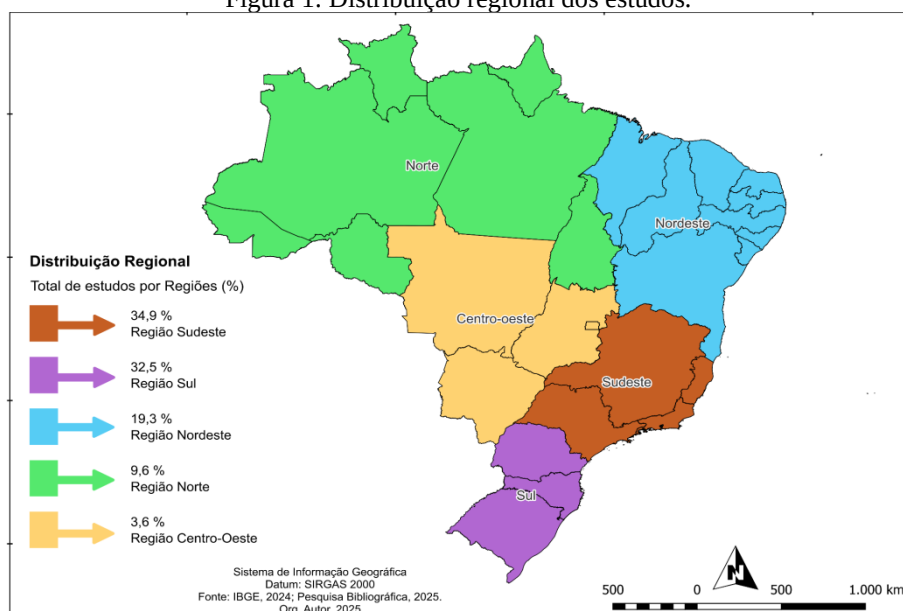


Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Em geral, os dados revelam o crescimento das pesquisas que têm a agroecologia como objeto de estudo, o que demonstra o fortalecimento de um posicionamento político-acadêmico nessa perspectiva. A distribuição dos documentos por região demonstrou maior

produção acadêmica nas regiões Sudeste e Sul, seguidas pelo Nordeste, com menor participação das regiões Norte e Centro-Oeste.

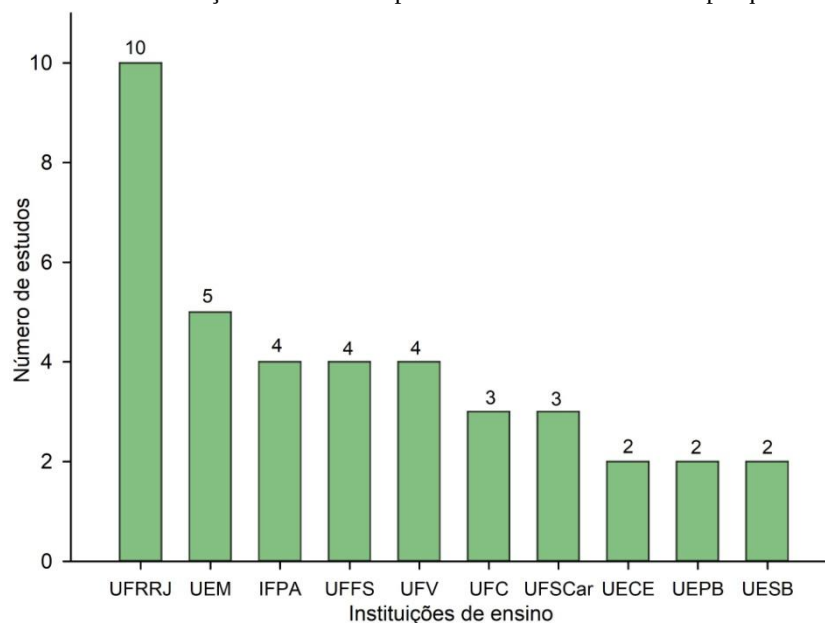
Figura 1: Distribuição regional dos estudos.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

O gráfico a seguir apresenta as dez instituições que mais publicaram pesquisas de mestrado e doutorado sobre agroecologia e educação, no período de 2014 a 2023.

Gráfico 2: As 10 instituições de ensino superior com maior número de pesquisas na área.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

As mulheres têm assumido um papel de destaque na produção científica que articula agroecologia e educação, subvertendo progressivamente os contextos históricos de marginalização de suas vozes nos espaços acadêmicos.

Quadro 4: Distribuição dos estudos por gênero dos(as) autores(as)

Gênero	Quantidade de estudos	Percentual (%)
Mulheres	50	60,2
Homens	33	39,8
Total	83	100

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A predominância observada evidencia a presença ativa das mulheres nas universidades brasileiras e a relevância de suas contribuições para o avanço da agroecologia como campo científico e político. Ao mesmo tempo, mesmo com essa presença ativa das mulheres, os textos mais citados, reconhecidos ou usados como referência ainda tendem a ser de autoria masculina. Isso produz uma forma de invisibilização, pois a produção científica das mulheres existe, mas nem sempre recebe o mesmo destaque, a mesma circulação ou a mesma legitimidade.

A perspectiva agroecológica em universidades e institutos federais de educação

Nesta seção, foram localizados 12 (doze) estudos, sendo 3 (três) teses (Coutinho, 2018; Engelmann, 2020; Carvalho, 2023) e 9 (nove) dissertações (Simoni, 2014; Araújo, 2017; Guimarães, 2017; Pereira, 2017; Troilo, 2017; Marlière, 2018; Almeida, 2019; Miranda, 2019; Pinheiro, 2019).

Simoni (2014), em seu texto, estudou os Grupos de Agroecologia (GAs) atuantes nas universidades públicas do Rio de Janeiro (RJ). O texto destaca o papel dos GAs, presentes nos espaços acadêmicos, como atores importantes na abertura das universidades a outros saberes e na aproximação entre estudantes e agricultores em processos de aprendizagem diferenciados, superando modelos hegemônicos de produção do conhecimento. Segundo a autora, a presença da agroecologia no ensino superior desafia a universidade, historicamente pautada pelos princípios da ciência moderna, a superar o distanciamento entre o conhecimento acadêmico e os saberes populares de comunidades originárias e tradicionais.

Araújo (2017) analisou a inserção da agroecologia na Educação Profissional em uma instituição de ensino no Marajó. O estudo destacou as disputas internas nos currículos e a importância das parcerias com movimentos sociais e sujeitos do campo na promoção de mudanças institucionais no âmbito curricular e no acesso de ribeirinhos à educação de nível médio e superior a partir da realidade social do território marajoara. No mesmo sentido, Troilo (2017) evidenciou os conflitos em universidades brasileiras relacionados à tentativa de cooptar os cursos de agroecologia aos interesses de mercado, esvaziando seu caráter popular. Ambos apontam que, sem enfrentar as estruturas de poder universitárias, essas formações tendem a se subordinar ao Estado e a depender de políticas públicas esporádicas, em sua maioria, distantes dos territórios que abrigam as experiências.

Corroborando com as pesquisas anteriores, Marlière (2018) estudou a Licenciatura em Educação do Campo (LICENA) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). O levantamento revelou contradições e avanços relacionados ao enfoque agroecológico no ensino superior no contexto de uma universidade historicamente vinculada aos projetos capitalistas e posicionada para a consolidação desse modelo. No contexto educativo em questão, grupos populares lutam pela superação do conservadorismo institucional, reivindicando a criação e a implementação de cursos demandados e protagonizados pelos movimentos sociais populares.

Em outra análise, Guimarães (2017) discutiu o estado da arte da agroecologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com foco nas produções acadêmicas de pós-graduação. A investigação destaca que, embora a agroecologia tenha conquistado espaço como campo científico, a perspectiva agroecológica ainda enfrenta desafios para se firmar plenamente nas estruturas institucionais conservadoras. Na mesma direção, Pereira (2017) apresentou uma análise comparativa entre cursos de agroecologia no Instituto Federal do Paraná (IFPR) e no Instituto Tecnológico e Educacional de Pesquisa da Reforma Agrária (ITEPA), vinculado ao MST. Segundo este autor, no IFPR predomina a formação de caráter tecnicista, em contraste com o ITEPA, que promove uma educação emancipadora voltada às classes populares.

Descrever e analisar o papel da pesquisa científica em agroecologia em uma universidade brasileira é o tema do levantamento de Almeida (2019). A universidade em questão é uma das pioneiras no Brasil no desenvolvimento de pesquisas em agroecologia e na oferta de cursos de graduação e pós-graduação com enfoque agroecológico. Dentre os

resultados e conclusões, destaca-se o descompasso entre a proposta inovadora da agroecologia, que busca superar a lógica tradicional das disciplinas acadêmicas e o modelo convencional de classificação de áreas do conhecimento, predominante nas universidades brasileiras. A organização tradicional cria barreiras ao desenvolvimento e à estruturação da pesquisa em agroecologia, pois o modelo acadêmico vigente, baseado em compartimentações rígidas do saber, não é compatível com a natureza interdisciplinar do campo agroecológico.

Seguindo a análise, Miranda (2019) avaliou a relação entre alunos e professores em relação à temática da agroecologia nos cursos de Agronomia do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus São João Evangelista (IFMG-SJE) e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A pesquisa revelou diferenças na abordagem da agroecologia nos cursos de Agronomia de ambas as instituições. No IFMG-SJE, a agroecologia é abordada de forma mais restrita, concentrando-se em uma disciplina específica sobre o tema, enquanto na UFRRJ, a abordagem é mais integrativa, com um número maior de disciplinas que integram conteúdos relacionados à agroecologia.

O fortalecimento da agroecologia como ciência, prática e movimento se expressa especialmente nas ações dos Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs). Pinheiro (2019), ao analisar algumas experiências em instituições como IFPA, UFPA, UFRA e Embrapa, destaca a importância desses grupos na territorialização da agroecologia nos territórios e nas universidades amazônicas. Segundo o estudo, os NEAs atuam como espaços de reflexão crítica, aproximando as instituições de ensino superior dos territórios em seus entornos. Em diálogo com essa perspectiva, Carvalho (2023) destacou o protagonismo dos núcleos na institucionalização da agroecologia como identidade curricular e institucional, bem como no fomento a parcerias entre os campi do Instituto Federal do Espírito Santo. As conclusões das pesquisas indicam que, embora a agroecologia ainda ocupe posições periféricas em parte das instituições analisadas, os NEAs constituem espaços de articulação, produção de conhecimento e resistência às formas tradicionais de organização universitária, contribuindo para ampliar sua presença institucional e sustentar experiências formativas de caráter contra-hegemônico.

No último estudo desta seção, Coutinho (2018), ao analisar o curso de Tecnologia em Agroecologia da UFRR, identificou uma formação marcada pelo tecnicismo e por pouca articulação com as dimensões sociais, culturais e políticas da agroecologia. A ausência de práticas e a baixa valorização social e política do agroecólogo foram críticas recorrentes dos

estudantes. Essa situação contrasta com o histórico de lutas pela terra e de busca por formação profissional desenvolvido pelos movimentos sociais da região, inclusive por meio de processos formativos em parceria com universidades e institutos federais, a partir de escolas construídas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Guhur *et al.*, 2016).

Currículo, práticas pedagógicas e socialização de saberes em agroecologia

A agroecologia, como dimensão do currículo escolar, é objeto de um número considerável de estudos. Especificamente, a pesquisa identificou um total de 44 (quarenta e quatro) trabalhos, sendo 41 (quarenta e uma) dissertações e 03 (três) teses. Considerando o quantitativo, a análise do conteúdo foi realizada de forma integrada, a partir das seguintes subcategorias: Educação do Campo e Agroecologia; Educação Ambiental e Agroecologia; Educação Profissional e Agroecologia; Ciências da Natureza e Agroecologia; Pedagogia da Alternância e Agroecologia; Agroecologia nos livros didáticos; e percepção de educadores/as e estudantes sobre a agroecologia.

Diversas pesquisas destacam experiências de construção da racionalidade ecológica a partir da Educação Ambiental Crítica (EAC) com enfoque na agroecologia, em diferentes territórios e níveis de ensino. A dissertação de Amador (2014) destacou os jardins agroecológicos como espaços pedagógicos vivos, nos quais a biodiversidade presente se torna uma ferramenta integradora de teorias e práticas pedagógicas no ensino superior. Campos (2014) observou, a partir de pesquisas realizadas em escolas do município de Araras (SP), que a produção de mudas e hortaliças, a compostagem e a reciclagem favorecem o ensino transversal da Educação Ambiental, ao contextualizar os conteúdos escolares ao cotidiano dos estudantes.

Santos (2018), em sua análise das escolas rurais de Castanhal (PA), revelou como as práticas ambientais integradas ao contexto escolar fomentam valores coletivos, o cuidado com o território e a articulação entre saberes tradicionais e científicos, fortalecendo a consciência crítica e o aprendizado sobre temas ambientais. Em diálogo com Santos, Silveira (2020) destacou que as práticas agroecológicas no ambiente escolar fomentam atitudes críticas por parte dos estudantes frente ao modelo dominante e predatório do agronegócio e à sua lógica de acumulação e exploração socioambiental.

Adicionalmente, nos trabalhos de Souza (2020) e de Melega (2023), a agroecologia é tratada como conteúdo da EAC. Melega propõe a arte e a agroecologia como eixos formativos na formação docente, destacando que uma proposta educativa crítica precisa dialogar com elementos culturais, históricos e políticos. Já Souza, ao relatar a experiência de uma horta agroecológica na educação infantil, revelou o potencial dessas práticas para a construção de uma consciência ecológica nos primeiros anos da escolarização. A perspectiva apresentada por Souza converge com as reflexões de Cardoso (2023).

A agroecologia tem ganhado centralidade nos projetos da Educação do Campo e da Educação Popular, e alguns estudos refletem sobre as relações político-pedagógicas entre essas matrizes de conhecimento. Gomes (2014) observou que os cursos superiores em agroecologia e Educação do Campo promovem uma formação que transcende os limites das áreas tradicionais do conhecimento, formando profissionais sob uma perspectiva interdisciplinar e superando a visão reducionista predominante nas ciências agrárias convencionais.

Em Miranda (2014), encontramos um estudo sobre os intercâmbios agroecológicos como experiências formativas fundamentais na construção coletiva do conhecimento, nos quais a Educação do Campo assume um papel transformador, centrado na autonomia e na participação ativa das comunidades rurais. Zanelli (2015) acompanha Miranda e afirma que os intercâmbios agroecológicos promovem a territorialização de saberes, viabilizam o protagonismo das famílias agricultoras e constituem um elo entre a ciência e a cultura local.

Mocellin (2016), ao analisar os espaços ocupados pela agroecologia no currículo escolar, observou que, na maioria dos contextos escolares, essa referência ocupa posições secundárias e marginalizadas. A efetiva inserção dessa perspectiva depende, segundo o estudo, dos repertórios sociais e culturais de professores, estudantes e comunidades, que são sujeitos envolvidos nos processos educativos. Nessa direção, Lima (2017) e Lobo (2018) destacam o papel das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) como espaços de desenvolvimento de práticas agroecológicas no currículo, por meio do emprego da Pedagogia da Alternância. Nas experiências estudadas, a agroecologia supera o caráter meramente informativo e se firma como princípio orientador de práticas pedagógicas, sendo fundamental para a articulação entre escola, família e comunidade.

Os trabalhos de Ramos (2021) e Santos (2021) evidenciaram a importância da institucionalização da agroecologia nas diretrizes curriculares e nos projetos político-

pedagógicos das escolas do campo. Ramos aponta que o reconhecimento da agroecologia nas políticas educacionais do Paraná ainda carece de efetivação prática, enquanto Santos destaca a Ecoescola Thomas a Kempis como exemplo de construção coletiva do conhecimento agroecológico, orientada pelos princípios da Educação Popular. A dissertação de Castro (2022) dialoga com esses estudos ao evidenciar as articulações entre os Projetos Político-Pedagógicos de escolas do campo, situadas em assentamentos do MST, e as dinâmicas territoriais dos camponeses no sudoeste baiano.

Em continuidade, A. P. Oliveira (2023) aprofunda o debate ao abordar a práxis agroecológica como uma estratégia formativa e política frente à ofensiva neoliberal, especialmente em comunidades do Nordeste brasileiro. Sua pesquisa, realizada na comunidade São Miguel I, revelou que a agroecologia, para além de uma técnica agrícola, é compreendida como uma prática pedagógica que integra educação popular, produção e pertencimento territorial.

No mesmo sentido, Teixeira (2022) apresenta uma importante contribuição ao desenvolver, na perspectiva freiriana, um projeto agroecológico em uma escola do campo. A autora sublinhou os desafios enfrentados na implementação da proposta e as potencialidades formativas quando se constrói um processo educativo dialógico e situado, no qual os estudantes se reconhecem como sujeitos históricos e transformadores do território em que vivem.

A dissertação de Araújo (2023), ao analisar a Comuna da Terra Irmã Alberta, fez referência ao trabalho agroecológico como princípio educativo, compreendendo-o em suas dimensões teóricas e práticas. O autor defende que a articulação entre agroecologia e Educação do Campo deve considerar a historicidade das práticas de trabalho e o fortalecimento da consciência crítica dos sujeitos do campo. Esta perspectiva dialoga com a análise de Lima (2023), que investigou a práxis dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo da UFPI. O autor demonstrou como a agroecologia se territorializa por meio da atuação de educadores formados no curso, que articulam saberes ancestrais, práticas sustentáveis e resistências cotidianas ao avanço do agronegócio na região sul do Piauí. Por fim, as pesquisas de Nogueira (2023) e de J. C. M. da Silva (2023) reforçam que a agroecologia, nos espaços formativos da Educação do Campo, é mais do que um conteúdo curricular, trata-se de uma perspectiva pedagógica de transformação social.

Indo adiante, localizamos seis pesquisas dedicadas à agroecologia no contexto da educação profissional do campo. Marinho (2015) evidenciou essa articulação pela análise do curso técnico em agropecuária no IFPA, Campus Rural de Marabá, que, ao priorizar jovens assentados da reforma agrária, integra conhecimentos científicos e saberes populares em um percurso formativo pautado na alternância pedagógica, tendo a agroecologia como eixo estruturante da prática educativa e da construção curricular. As percepções de Marinho dialogam com os achados de Almeida (2018), que investigou a implementação do currículo integrado no Curso Técnico em Agroecologia no IF Baiano, Campus Valença. Segundo a pesquisa, apesar dos desafios enfrentados, como a escassez de infraestrutura e de formação docente, há iniciativas pedagógicas que se aproximam da integração de saberes e estão alinhadas aos princípios da agroecologia.

A investigação de Leal (2018) destacou os limites da formação técnica oferecida por instituições convencionais em comparação com a proposta da Escola Milton Santos, vinculada ao MST. A autora aponta a ausência de envolvimento comunitário, metodologias inadequadas e a falta de consonância com os princípios da agroecologia como entraves à materialização de formações emancipatórias. Em contrapartida, Gomes (2019) demonstrou como a formação técnica pode se tornar um instrumento de organização coletiva, de fortalecimento territorial e de afirmação da agroecologia como projeto político-pedagógico, enraizado na luta social.

Em duas abordagens convergentes, Paulino Filho (2021) e Bitencourt (2022) evidenciaram a educação profissional agrícola como promotora de uma formação integral, na qual o conhecimento técnico se articula com a valorização dos saberes tradicionais, da identidade camponesa e do protagonismo juvenil. Os estudos destacam que práticas educativas baseadas nos princípios da agroecologia, como o uso de sementes crioulas, o respeito à biodiversidade e o debate crítico sobre o modelo agroalimentar, fortalecem uma educação comprometida com a sustentabilidade e a justiça social.

Em dois estudos complementares, Garcia (2020) e Sacani (2023) analisaram a presença da agroecologia nos livros didáticos de ciências e de geografia, respectivamente. As pesquisas constataram a predominância de temas relacionados à agricultura convencional, representada pelo agronegócio, e a ausência de temas englobados pela agroecologia nos manuais oficiais. As poucas menções à agroecologia aparecem como sinônimo de “desenvolvimento sustentável”, geralmente limitadas a pequenos trechos ou imagens

descontextualizadas. Ambas as pesquisas destacam o papel dos professores na superação de abordagens limitadas aos guias educacionais, pela incorporação, em sala de aula, de temas da realidade dos alunos e centrais no debate agroecológico, como a questão agrária, a soberania alimentar, as mudanças climáticas, a transição energética, entre outros.

A agroecologia, amplamente adotada pelas Ciências Humanas, tem, mais recentemente, se feito presente nas formações de outras áreas do conhecimento, a exemplo das Ciências da Natureza, da Matemática e das Linguagens e Códigos. Funez (2017), a partir de um contexto escolar de ausência de material didático para o ensino de conteúdos da disciplina de Matemática, desenvolveu uma metodologia de ensino sobre aplicações de funções matemáticas em situações-problema relacionadas à agroecologia, com alunos do primeiro ano do ensino médio de uma Casa Familiar Rural do município de São Jorge d'Oeste/PR. A investigação apontou que o ensino de matemática, baseado em temas agroecológicos do cotidiano, fortaleceu a conexão dos estudantes com suas comunidades, favoreceu a resolução autônoma de problemas locais e aumentou a motivação para o aprendizado de matemática.

Ainda na temática, Loureiro (2017), Medeiros (2018), Coelho (2021) e Cazzanelli (2022) examinaram a introdução de temas da agroecologia no ensino de Ciências. De modo geral, os estudos destacam a presença recorrente do enfoque agroecológico nesta disciplina e pouca integração da agroecologia com outros componentes do currículo da educação básica. Entre os temas ligados à agroecologia trabalhados em sala de aula, destacam-se a botânica, o estudo de vegetais, o respeito ao meio ambiente, o cultivo e o consumo de alimentos saudáveis, entre outros, desenvolvidos por meio de hortas medicinais, quintais produtivos e sistemas agroflorestais. Segundo os textos, a agroecologia estabeleceu uma conexão entre os aspectos conceituais e práticos da disciplina de Ciências, possibilitando uma aprendizagem interdisciplinar pautada na realidade.

Nas possibilidades de relações com a área das linguagens, Castro (2021) analisou o aprendizado de gêneros discursivos e textuais a partir de temas da agroecologia no ensino de Língua Portuguesa (LP), no contexto do ensino médio. Os resultados da análise demonstraram que a interseção possibilitou a abordagem de princípios e conceitos da agroecologia no contexto escolar, facilitando a aprendizagem em diferentes formas textuais. Além disso, a integração aproximou a disciplina LP das experiências e vivências dos educandos e promoveu a conscientização sobre questões ambientais.

A maioria das experiências investigadas nos estudos adota a pedagogia da alternância como metodologia formativa no ensino de agroecologia. Os textos selecionados trazem reflexões sobre as convergências entre a agroecologia e a metodologia em questão, a partir de diversos processos de aprendizagem em escolas do campo e em institutos federais de educação. Couto (2015), no contexto de uma casa familiar rural na região do Marajó, destacou a importância da formação em agroecologia fundamentada nos princípios da pedagogia da alternância, contextualizada pelas práticas nas unidades de estudo e produção, pelas pesquisas realizadas durante o tempo-comunidade e pela reflexão empírico-científica em sala de aula e nos lotes familiares. Segundo a autora, a pedagogia da alternância no ensino da agroecologia aproximou e articulou as práticas pedagógicas da cultura das águas e das florestas do Marajó e fortaleceu os vínculos dos alternantes com as comunidades ribeirinhas em um território marcado por fortes vulnerabilidades sociais.

Em continuidade, Vieira (2017) destacou os desafios administrativos, estruturais, materiais e financeiros enfrentados pelas formações em agroecologia, entre os quais se destacam as limitações de educadores/as na temática da agroecologia e a escassez de recursos humanos e financeiros, fatores que dificultam a realização das atividades práticas dos tempos formativos, especialmente as do tempo-comunidade. Outra constatação da pesquisa diz respeito à escassez de escolas em regime de alternância no meio rural, realidade que, segundo a autora, incide sobre a permanência da juventude no campo. As constatações de Vieira se confirmam nos estudos de Amaral (2019).

Em sua pesquisa, Oliveira Júnior (2019) destacou que o diálogo com a pedagogia da alternância tem sido fundamental para a compreensão dos princípios teóricos e práticos da agroecologia, pois essa metodologia integra as práticas escolares ao trabalho no campo, possibilitando que os estudantes analisem seu território, projetem novas perspectivas e promovam a troca de saberes entre família, escola e comunidade (Pinto, 2022). De igual modo, o ensino por alternância de tempos e espaços de formação eleva a escala territorial da agroecologia, pois permite que esta seja praticada por um conjunto maior de sujeitos em um número maior de territórios. L. S. da Silva (2023) apontou o desconhecimento de educadores/as sobre conceitos, fundamentos e práticas da agroecologia e da alternância pedagógica como um obstáculo ao diálogo e à integração entre essas abordagens.

Adicionalmente, outros estudos evidenciam a apropriação dos referenciais da agroecologia por educadores/as e estudantes. Mombach (2018), ao analisar as percepções de

estudantes concluintes da educação básica no Rio Grande do Sul sobre agroecologia, destacou a necessidade de discutir, no âmbito escolar, a importância dos sistemas agrícolas sustentáveis. Para isso, defende a implementação de projetos educacionais que promovam mudanças nas percepções, nos comportamentos e nas escolhas, incentivando práticas mais sustentáveis. Em perspectiva semelhante, Simas (2019) identificou a predominância de uma visão reducionista da agroecologia entre docentes e discentes. Segundo esta análise, a maioria dos envolvidos compreende a agroecologia como um conjunto de práticas voltadas à produção e à preservação ambiental, sem uma visão mais ampla de suas implicações sociais e culturais. Os textos citam a ausência de relações entre o ensino de agroecologia e os territórios e a falta de identificação dos estudantes com as formações na área como fatores limitantes no desenvolvimento das formações no campo.

Agroecologia na formação de educadores/as do campo

No que tange à formação de professores/as na temática da agroecologia, identificamos um total de 07 (sete) trabalhos incluídos, sendo 04 (quatro) dissertações (Pinto, 2014; Almeida, 2016; Santos, 2020; Mello, 2023) e 03 (três) teses (Carcaioli, 2019; Siqueira, 2020; Almeida, 2023). Nesta categoria, observamos uma escassez de pesquisas.

Iniciamos recorrendo ao estudo de Pinto (2014), intitulado “Identidades e Trajetórias de Educadores na Agroecologia”, uma pesquisa de mestrado que investigou a formação de professores em duas universidades brasileiras a partir das narrativas de docentes dos cursos de tecnologia em agroecologia. O levantamento identificou que a maioria dos professores é formada segundo os padrões da agricultura convencional, sem formação acadêmica consolidada em agroecologia. Entre as principais contribuições da pesquisa, destaca-se a concepção do “educador agroecológico”, definido como um sujeito que ensina e vivencia a agroecologia enquanto ciência e prática baseadas em novos paradigmas que se contrapõem à racionalidade econômica e produtivista. A formação continuada, nessa perspectiva, se dá na experimentação em ambientes acadêmicos e nos espaços de vida, de militância e de trabalho no campo.

Em outro levantamento, Almeida (2016) realizou uma pesquisa com professores da Educação do Campo no município de Campo Largo (PR) sobre a formação docente. Como os estudos anteriores, a pesquisa destacou a necessidade de promover formações específicas em

agroecologia para os docentes das escolas do campo, com ênfase na relevância desse campo de conhecimento como eixo estruturante da Educação do Campo. Como parte de um plano formativo, foi desenvolvido o curso “agroecologia na escola” com vistas a integrar os princípios da agroecologia na formação e na prática docente e a ressignificar as práticas pedagógicas a partir das realidades e necessidades das escolas do campo.

Carcaioli (2019), em tese de doutorado, analisou a Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. O curso adota a Alternância Pedagógica como metodologia, com aprendizados na universidade e nas comunidades. Apesar da organização curricular, a pesquisa identificou lacunas na formação, especialmente quanto à integração das práticas pedagógicas em Ciências da Natureza ao cotidiano do campo, o que evidencia um certo distanciamento. Os estudantes, em suas análises, confirmaram a dissociação entre a formação e as práticas sociais da região, tendo, durante o itinerário formativo, poucas oportunidades de imersão, sendo a disciplina de agroecologia o principal espaço de vivências nos territórios camponeses.

Em perspectiva semelhante, Santos (2020) conduziu uma pesquisa com alunos da Educação do Campo sobre o enfoque agroecológico na formação de professores em quatro turmas do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFPR-Setor Litoral, pautada na diversidade territorial dos estudantes como elemento central nas práticas formativas de educadores/as que atuarão nas escolas do campo. O levantamento constatou que, apesar dos desafios para sua plena compreensão como eixo estruturador da Educação do Campo, a começar pela ausência do enfoque agroecológico nas propostas pedagógicas dos cursos, a agroecologia desempenhou papel fundamental no processo formativo em questão, especialmente na aproximação entre turmas e no diálogo entre docentes de diferentes disciplinas a partir de temas comuns. A pesquisa com os estudantes revelou impactos positivos dos intercâmbios agroecológicos realizados nas propriedades rurais no fortalecimento dos vínculos destes com seus lotes e comunidades e que a agroecologia, além de seu papel pedagógico, figurou como a expressão comum da luta para viver e resistir nas comunidades.

A pesquisa de Siqueira (2020) teceu considerações acerca das tensões entre a agroecologia e o agronegócio no contexto da formação de educadores nos Centros Familiares de Formação em Alternância (Ceffas), com destaque para a influência do contexto desses espaços educativos na construção de representações sociais sobre a agroecologia. A análise

revelou que 83% dos professores entrevistados apontam a pressão do agronegócio como um dos maiores desafios na implementação da perspectiva da agroecologia nas práticas formativas, tendo, inclusive, uma forte resistência por parte de estudantes e de suas famílias ao ensino da agroecologia, já que convivem com a agricultura convencional no cotidiano de suas comunidades. Ademais, a formação docente nos Ceffas não é apenas um processo instrucional, circunscrito à ressignificação de práticas pedagógicas, mas, sobretudo, um espaço de disputa ideológica e de construção identitária de educadores/as e educandos no campo da agroecologia.

Em Almeida (2023) encontramos considerações acerca do diálogo entre o curso de Formação Continuada em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido e os princípios da Educação em agroecologia em Afogados da Ingazeira (PE). Entre os principais resultados da análise, destaca-se a articulação estratégica da formação docente com os princípios da vida, da diversidade, da complexidade, da transformação e da autonomia. Ademais, as diretrizes da educação em agroecologia ampliaram a compreensão dos educadores/as sobre o Semiárido como um território dinâmico e vivo, fomentaram o respeito aos saberes locais e consolidaram o diálogo de saberes como eixo central na construção do conhecimento. Como produto educacional, foi elaborada coletivamente a Política Municipal de Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido e Agroecologia, sancionada como Lei Ordinária nº 1.011/2023, tendo a agroecologia como eixo estruturante da educação básica no município.

Por fim, Mello (2023) analisou a materialidade da Educação do Campo e da Agroecologia, a partir de uma experiência do Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak, localizado no Assentamento Marcos Freire, em Rio Bonito do Iguaçu, Paraná, reconhecido nacionalmente como referência em projeto educativo popular e contra-hegemônico, com bases agroecológicas. Segundo a análise, a escola está inserida em um território em disputa, dominado pelo agronegócio, cuja influência do modelo capitalista impacta profundamente a vida de camponeses e camponesas e, consequentemente, o trabalho escolar. A Educação do Campo e a agroecologia constituem matrizes orientadoras, fundamentadas na pedagogia do movimento (Caldart, 2021), que, no contexto específico, orientam as práticas pedagógicas, o trabalho comunitário e a cooperação, dimensões indispensáveis à formação de educadores e educadoras do campo.

A análise das pesquisas nesta seção evidencia a relevância da agroecologia na formação de educadores/educadoras, sobretudo por seu caráter transdisciplinar que supera os limites da disciplinaridade evidente nas formações de caráter tecnicista. O enfoque agroecológico apresenta-se como um eixo interdisciplinar integrador nos processos formativos, articulando saberes de distintas ciências (naturais, sociais, humanas e tecnológicas), possibilitando ao educador do campo a compreensão integral das realidades escolares.

Agroecologia, Educação e Emancipação

Nesta categoria foram encontrados 20 (vinte) documentos, sendo 14 (quatorze) dissertações (Serrano, 2014; Silva, 2014; Soares, 2015; Toná, 2016; Kusniewski, 2018; Trigueiro, 2018; Vieira, 2018; Brandão, 2019; Rodrigues, 2019; Abreu, 2020; Kubiak, 2023; Mascarenhas, 2023; Neto, 2023; Souza, 2023) e 06 (seis) teses (Pereira, 2015; Souza, 2018; Silva, 2020; Vergütz, 2021; Busko, 2022; Oliveira, 2023).

O estudo de Silva (2014) buscou compreender os impactos do Curso Técnico em Agropecuária, com ênfase em agroecologia, ofertado entre 2006 e 2009 pela Escola Agrotécnica Federal de Castanhal - Pará (EAFC), por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera). Os resultados evidenciaram as transformações na trajetória dos estudantes, constituindo um marco na história da Escola Agrotécnica Federal de Castanhal/PA, instituição centenária de tradição elitista. A formação fortaleceu o vínculo dos egressos com suas comunidades de origem e promoveu transformações na forma como passaram a compreender e manejar os recursos naturais dos agroecossistemas de terras e várzeas. Os estudantes relataram uma mudança profunda em suas práticas agrícolas, passando do extrativismo predatório à adoção de sistemas agroflorestais.

A tese de Pereira (2015) representou uma importante contribuição ao debate sobre o tema no contexto dos movimentos sociais camponeses. A autora analisou o diálogo entre Educação do Campo, agroecologia e economia solidária e demonstrou como essas matrizes se articulam na luta dos camponeses pela autonomia produtiva no Sudeste do Pará. O estudo evidenciou a agroecologia como estratégia de resistência e afirmação do campesinato frente ao avanço do agronegócio e da mineração, com destaque para o papel das redes de movimentos sociais, como o MST e o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco

Babaçu (MIQCB), na construção de alternativas educativas e produtivas voltadas à autogestão e à soberania alimentar.

Na sequência, Soares (2015) realizou um estudo sobre as práticas educativas que articulam a Educação Popular e a agroecologia em uma escola de Nova Iguaçu/RJ. A investigação apontou que a aproximação entre ambas foi importante para as estratégias de resistência, territorialização e reprodução social de camponeses diante de ameaças externas, como o avanço da metropolização sobre os territórios da agricultura familiar. Entre os principais resultados, constam os sistemas agroecológicos de produção que promovem a sustentabilidade ambiental e a segurança alimentar e fortalecem formas de mobilização coletiva entre trabalhadores e trabalhadoras rurais, especialmente aqueles vinculados a programas de Reforma Agrária.

Na pesquisa de Toná (2016), é realizada uma avaliação da experiência da Escola Milton Santos (EMS), um centro de formação organizado pelos movimentos sociais populares do campo, localizado no município de Maringá-PR, que adota a agroecologia como fundamento de suas práticas educativas. A investigação destacou a EMS como um centro de educação voltado à agroecologia, promovendo práticas educativas de formação profissional que articulam conhecimento técnico, organização comunitária e resistência ao modelo produtivista do agronegócio. Ademais, a formação agroecológica contribuiu para a adoção de práticas sustentáveis nos assentamentos, impulsionando a produção e geração de renda. Além disso, a formação fortaleceu a consciência política e social dos sujeitos envolvidos, tornando-os mais engajados na luta do movimento e capacitados a propor, coletivamente, alternativas ao modelo agrícola hegemônico.

A permanência da juventude no campo e a formação em agroecologia são temas centrais em mais dois estudos de pesquisa. Kusniewski (2018) analisou esse processo nos Assentamentos Ireno Alves dos Santos e Marcos Freire, no município de Rio Bonito do Iguaçu, Paraná, com atenção às propostas de trabalho com a agroecologia nas escolas do campo e à efetivação dessa perspectiva nas práticas pedagógicas. A pesquisa apontou que a escassez de políticas públicas, a falta de apoio técnico aos agricultores, a desvalorização dos produtos agroecológicos e as dificuldades de comercialização desmotivam tanto os agricultores quanto os filhos jovens, o que impacta na permanência destes nas propriedades familiares. Brandão (2019), em seu estudo com jovens da região da Baía da Ilha Grande, no

estado do Rio de Janeiro, demonstrou que a formação agroecológica incentiva a permanência no campo e fortalece os vínculos dos jovens com a terra, o trabalho e a coletividade.

Por sua vez, Vieira (2018) analisou a integração da agroecologia nos processos educativos de seis escolas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O trabalho enfatizou que a educação e a agroecologia são ferramentas fundamentais para a transformação social, mas sua efetivação esbarra nos desafios impostos pela estrutura capitalista. A análise do estudo permite inferir que a agroecologia, quando integrada a um projeto educativo crítico e emancipatório, torna-se um caminho para a autonomia dos povos do campo e para a construção de uma nova relação entre o ser humano e a natureza. Nas escolas vinculadas ao MST, a educação agroecológica transcende os limites da escola, articulando-se à vida em sua totalidade. Ela se conecta ao trabalho, à cultura, à luta social e à organização coletiva, fortalecendo a resistência e a ação política contra a lógica destrutiva do capital.

A pesquisa de Souza (2018) apresentou uma análise da experiência da Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA) no Assentamento Contestado, no Paraná. A autora investigou como a educação popular e a pedagogia da alternância, inspiradas no pensamento freiriano, possibilitam a formação de camponeses em uma perspectiva emancipatória. O estudo destacou a formação agroecológica como um processo coletivo e dinâmico, articulado aos movimentos sociais da Via Campesina e sustentado pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). A ELAA se consolida como um espaço de produção de conhecimento contra-hegemônico, permitindo aos educandos e às suas comunidades maior autonomia política.

Indo adiante, Rodrigues (2019), ao analisar as formas e realidades da institucionalização da agroecologia em três territórios camponeses do Pará, destacou o papel fundamental das instituições governamentais de ensino, pesquisa e extensão, como o IFPA, a UFPA, a UFRA e a UNIFESSPA, no fortalecimento e na propagação da perspectiva agroecológica nesses territórios paraenses. Os achados da investigação assinalam que, por meio de ações coletivas, esses territórios conseguiram institucionalizar referenciais e práticas agroecológicas em múltiplas dimensões, embora com diferenças significativas, não conflitantes, entre os territórios de ação pública e os de ação coletiva. De outro modo, destacou o impacto da oferta de cursos fundamentados na Educação do Campo e das iniciativas dos núcleos de agroecologia, que, em parceria com cooperativas e associações,

bem como com outras entidades públicas e privadas, vêm construindo uma agroecologia polissêmica, enraizada em lógicas próprias de cada território e agroecossistema.

Os movimentos sociais populares desempenham um papel central na construção da educação agroecológica emancipadora. No estudo de tese desenvolvido por Silva (2020), intitulado “Pedagogia do Movimento Agroecológico: fundamentos teórico-metodológicos”, são analisadas as inter-relações entre as práticas educativas da Educação do Campo desenvolvidas na Zona da Mata de Minas Gerais e o movimento agroecológico na região. O autor destaca essa abordagem educativa como fruto da inter-relação entre trabalho, educação e agroecologia, fundamentada nos princípios teórico-metodológicos da Educação Popular. A pedagogia em questão recebe influência da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), sendo orientada pelos processos pedagógicos do Movimento Agroecológico, na perspectiva da construção de uma identidade coletiva contra-hegemônica de enfrentamento do capital no campo.

A pesquisa de Souza (2023) examinou as relações entre educação e transição agroecológica no assentamento Dois Riachões, localizado em Ibirapitanga-BA. A investigação baseia-se na pedagogia freiriana, destacando o diálogo entre camponeses experientes e jovens estudantes como um dos principais mecanismos de aprendizagem. A pesquisa revelou que a educação agroecológica se desenvolve além dos espaços formais, no cotidiano da comunidade. As formas de ensino incluem a partilha de experiências em mutirões e a troca de conhecimentos científicos e populares em atividades como reuniões, oficinas e feiras agroecológicas.

A. V. Oliveira (2023) analisou a Educação do Campo, com enfoque na agroecologia, na constituição do campesinato no Ceará. O texto destacou que a agroecologia, enquanto ciência e prática social, possibilita a construção de territórios fortalecidos pela agricultura camponesa, valorizando a produção sustentável, a soberania alimentar e o cuidado com os recursos naturais. Outrossim, o estudo destaca a articulação da Educação do Campo com os movimentos socioterritoriais, como o MST e a Via Campesina, que dinamizam a formação de um campesinato consciente, crítico e protagonista da transformação rural. Por fim, a tese argumenta que o ensino agroecológico nas escolas do campo fortalece o protagonismo juvenil, incentivando a permanência dos jovens no campo e a adoção de novas práticas produtivas e tecnológicas adaptadas ao semiárido.

O tema da igualdade de gênero no meio rural figura como central em inúmeros estudos. Serrano (2014) observou que a agroecologia se contrapõe ao modelo produtivista convencional e fortalece os movimentos femininos na luta pela igualdade e pela emancipação sociopolítica das mulheres do campo. Trigueiro (2018) evidenciou que a formação acadêmica em agroecologia desempenha um papel importante na construção da identidade profissional feminina, impulsionando o desenvolvimento econômico das comunidades, apesar das dificuldades financeiras e logísticas enfrentadas pelas mulheres no ensino superior. Já Abreu (2020) ressaltou que a agroecologia, quando aliada ao conhecimento ecológico, medicinal e culinário das agricultoras do MST na Amazônia Paraense, transforma-se em um repertório educativo que desafia as imposições do sistema capitalista.

Alguns estudos destacaram a pedagogia da alternância como fundamental para a valorização do trabalho das mulheres e para a construção de conhecimentos agroecológicos. Vergütz (2021) identifica que essa abordagem pedagógica fortalece a autonomia feminina ao evidenciar tanto a invisibilidade do trabalho rural quanto sua importância. Em Busko (2022), observa-se que o feminismo agroecológico, baseado em memórias ancestrais e na pedagogia freireana, desafia estruturas patriarcais e coloniais e promove a autonomia das mulheres do campo. Kubiak (2023) constatou que as mulheres camponesas do MST se organizam em coletivos e utilizam pedagogias próprias do movimento para resistir às opressões e buscar equidade na produção agrícola e na tomada de decisão comunitária.

Ao fechar este bloco, destacamos alguns estudos que abordam o protagonismo das mulheres no campo e as relações destas com a agroecologia. Mascarenhas (2023) complementa ao destacar a importância das feiras agroecológicas como estratégia para a independência econômica e o fortalecimento da participação política feminina. Neto (2023) destacou os quintais produtivos como fundamentais para a geração de renda e a permanência de jovens mulheres no campo, promovendo entre elas um sentimento de pertencimento e de resistência.

Síntese de compreensão da práxis agroecológica na Educação do Campo: evidências, lições e aprendizados de um percurso

A revisão crítica da produção científica em agroecologia e educação revelou a diversidade de expressões que centralizam a agroecologia no campo da educação no Brasil. Escolas do campo, assentamentos, escolas técnicas e universidades, presentes em territórios

marcados por conflitos agrários, exclusão social e desigualdade, mobilizam os princípios agroecológicos em variados processos educativos e com distintas finalidades.

As pesquisas convergem ao apontar a agroecologia e a Educação do Campo como fruto das lutas históricas de movimentos sociais pelo direito à educação no Brasil. A agroecologia, enquanto matriz educativa, emerge do acúmulo de experiências educativas pioneiras, como as escolas sindicais, as Casas Familiares Rurais (CFRs), as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA), e foi posteriormente institucionalizada como política pública por meio de programas como o Pronera, o Procampo, o Projovem Campo e o Pronacampo. Atualmente, essas primeiras expressões são tomadas como referências políticas, curriculares e pedagógicas para outras experiências formativas em agroecologia que se estruturam na educação básica, profissional e superior.

As conexões entre a universidade e os territórios camponeses têm sido fortalecidas pelas ações dos núcleos de estudos em agroecologia. Atualmente, esses espaços desempenham um papel importante na institucionalização da perspectiva agroecológica nos institutos federais de educação e nas universidades, sendo fundamentais para a integração da agroecologia às ações de ensino, pesquisa e extensão, com impacto direto nos territórios camponeses. No que tange aos núcleos, chamamos a atenção para a necessidade de ampliar os recursos financeiros destinados à sua manutenção estrutural e operacional e de fortalecer a política de criação de novos núcleos, a fim de abranger cada vez mais territórios com ações de pesquisa e formação em agroecologia.

Os estudos convergem ao indicar que as articulações em redes, especialmente por meio de programas específicos, como o Pronera, com diversas experiências educativas nos territórios brasileiros, foram determinantes para a introdução da perspectiva da agroecologia em universidades e institutos federais de educação, abrindo espaços para o diálogo entre a academia e os territórios circundantes, provocando uma revisão crítica da matriz técnico-científica hegemônica e da predominância concedida ao agronegócio nos currículos tradicionais (Santos, Michelotti & Sousa, 2010).

A discussão sobre a presença da agroecologia nos livros didáticos revela um cenário ainda marcado por lacunas e silenciamentos. Os estudos evidenciaram que a maioria dos manuais oficiais funciona como propaganda do agronegócio, silenciando ou minimizando conteúdos agroecológicos. Esta interpretação é respaldada por estudos que demonstram como

os materiais didáticos tradicionais, especialmente no contexto das escolas do campo, reforçam a lógica produtivista atrelada ao capital, enquanto negligenciam temas essenciais à agroecologia nas localidades. Diante disso, é fundamental que os movimentos da Educação do Campo e da agroecologia reivindiquem junto ao poder público a produção e distribuição de materiais didáticos contextualizados, que reflitam a cultura e os saberes dos territórios onde as escolas estão inseridas.

Sobre a questão, destacam-se as valiosas contribuições dos programas de mestrado e doutorado profissional em desenvolvimento no Brasil, que têm gerado diversos produtos didático-pedagógicos sobre agroecologia na educação, como guias de ensino, cadernos temáticos, diretrizes educacionais, manuais e outros materiais que clarificam e fortalecem a inserção da agroecologia nos processos educativos.

Na educação básica, os preceitos agroecológicos se manifestam predominantemente nos projetos escolares da Educação Ambiental, como hortas escolares e jardins agroecológicos. Estes espaços pedagógicos se configuram como “porta de entrada” para a agroecologia nos ambientes de formação, materializando-se como espaços de aprendizagem que promovem o primeiro contato dos estudantes, sobretudo das crianças. As pequenas iniciativas de Educação Ambiental, mesmo que limitadas, mostram-se relevantes para a aproximação da agroecologia aos espaços escolares em que essa referência está ausente ou não está solidamente institucionalizada.

Embora o termo “marginalização” não se aplique, os estudos indicam que a agroecologia ainda ocupa espaços “periféricos” nas escolas do campo, universidades e institutos federais de educação, com uma parcela reduzida da oferta acadêmica voltada a formações com esse enfoque, restrita a projetos isolados ou cursos específicos.

Todavia, mesmo sendo colocada, em alguns contextos, nas bordas dos ambientes escolares e acadêmicos, a agroecologia, enquanto matriz de conhecimentos, tem se expandido e sido assumida por inúmeras áreas do conhecimento. O estudo que realizamos comprova essa tendência. Dessa forma, na atualidade, as práticas escolares em agroecologia ultrapassam fronteiras disciplinares, integrando distintos campos do saber, concretizando-se, como afirmado por Caporal (2009), em uma ciência de natureza inter e transdisciplinar.

Sobre os fatores que limitam a ampliação da agroecologia na educação, os estudos destacam o ensino tradicional de currículo disciplinar, deficiências na formação de educadores, alta rotatividade de profissionais, problemas relacionados à infraestrutura, como a

carência de laboratórios específicos e multidisciplinares, a limitação financeira para custeio de visitas técnicas e, em um nível macro, a pouca inserção da agroecologia como política educativa, sobretudo nas universidades brasileiras.

As pesquisas revelam que os territórios das experiências de educação em agroecologia são espaços disputados por projetos societários, antagônicos em suas concepções e práticas. De um lado, o agronegócio sustenta um projeto hegemônico e conservador, fundamentado em bases capitalistas, que, por sua vez, influencia a organização e finalidade da educação brasileira, imprimindo nela seus valores e interesses. De maneira oposta, a agricultura familiar agroecológica, praticada secularmente por camponesas e camponeses, expressa formas próprias de pensar e viver no campo, concebendo-o como um espaço de produção e reprodução da vida alinhado à lógica do desenvolvimento rural sustentável (Oliveira, 2023). Esta última defende outro projeto educativo, construído por homens e mulheres do campo e pautado em suas demandas, reivindicado em movimentos da Educação Popular e, mais recentemente, da Educação do Campo e da agroecologia.

A análise demonstrou que, na última década, houve uma associação orgânica entre a Educação do Campo e a agroecologia, com articulações e ações conjuntas entre ambas. Nessa relação, a agroecologia estabelece e amplia vínculos estratégicos entre escolas do campo e os territórios em que atuam; já a Educação do Campo tem cumprido a função de reforçar as estratégias camponesas e o seu vínculo com a agroecologia (Silva & Vasconcelos, 2021), sendo fundamental para a ampliação da escala da agroecologia nas regiões do Brasil. Todavia, as pesquisas indicam que, em algumas regiões, a exemplo da Amazônia, essas matrizes político-pedagógicas desenvolvem-se, em grande parte, de maneira isolada, com pouca articulação e ações conjuntas. Diante disso, torna-se fundamental fortalecer os vínculos políticos e pedagógicos entre ambas, já que compartilham princípios e interesses comuns e se vinculam à mesma base social (Ferrari & Oliveira, 2019).

Quanto às percepções, significados e sentidos atribuídos à agroecologia por educadores/as e estudantes, os estudos evidenciaram a pouca identificação desses grupos com esse campo. As análises revelam que, no ensino da agroecologia, predomina uma abordagem reduzida à dimensão/matriz produtiva, reduzida a um conjunto abstrato de conceitos e ideias, sem conexão efetiva com a realidade e pouco compreendida pelos sujeitos envolvidos. A falta de vinculação aos contextos sociais dos sujeitos que participam dos processos formativos emerge como a principal barreira no entendimento e aceitação da agroecologia nos ambientes

escolares, constituindo um entrave na construção da agroecologia enquanto campo de conhecimento e prática social.

Apuramos também que a capacitação docente é fundamental no processo de ensino e aprendizagem da agroecologia. Os estudos revelam que a formação de professores em agroecologia enfrenta grandes desafios para se efetivar, e as deficiências nesse campo constituem um dos principais entraves à expansão da agroecologia, especialmente na educação básica. Sem programas estruturados de aperfeiçoamento profissional nas instituições de ensino, a abordagem agroecológica nos espaços formativos tende a se restringir a aspectos técnicos e produtivos, ficando suscetível à cooptação e ao desvirtuamento pelo sistema educativo convencional, o que torna o cenário atual reivindicativo de políticas contínuas e permanentes de formação em agroecologia e alternância pedagógica.

A agroecologia tem ocupado lugares estratégicos nos currículos e nas práticas pedagógicas da Educação do Campo, contribuindo para a formação de educadores/as engajados/as em práticas educativas alinhadas às realidades dos territórios camponeses, sendo as licenciaturas em Educação do Campo um marco dessa integração. Todavia, os estudos alertam para a falta de reconhecimento do licenciado em Educação do Campo e dos agroecólogos, o que constitui um obstáculo ao fortalecimento das formações nessas perspectivas. Apesar do reconhecimento dos cursos de tecnologia e das licenciaturas pelo Ministério da Educação, a ausência do profissional da Educação do Campo, por exemplo, nos planos de carreira docente e nos concursos públicos municipais, estaduais e federais na área da educação é uma constatação. Sobre esse ponto, destacamos a necessidade dos movimentos da Educação do Campo e da agroecologia incluírem o tema nas pautas reivindicatórias, a fim de pressionar o poder público para o reconhecimento e a inserção desses profissionais no sistema educacional.

A alternância pedagógica é uma metodologia que contribui significativamente para a expansão da agroecologia, pois os tempos formativos complementares aproximam as escolas de temas e conteúdos agroecológicos presentes nos territórios camponeses. Ademais, este método possibilita que as populações do campo acessem a escolarização sem perder os vínculos culturais e sociais com a família e a comunidade, constituindo um alicerce para a permanência no campo, especialmente para a juventude. No entanto, o pleno desenvolvimento da metodologia tem sido afetado pela falta de investimentos, sobretudo de recursos financeiros.

As disputas entre a agroecologia e o agronegócio se refletem nas práticas de educação em agroecologia. Os estudos analisados destacam as pressões e a ofensiva do capital sobre as instituições de ensino e as práticas escolares, com ênfase nas adequações curriculares às ideologias e aos interesses do capital. Os educadores consultados nas pesquisas relatam dificuldades para introduzir, em sala de aula, temas vinculados à agroecologia, como a reforma agrária, o meio ambiente e a violência no campo, entre outros, em razão do crescente predomínio de uma ideologia tecnicista na educação formal, que tende a desvalorizar abordagens críticas e socioambientais no contexto educacional.

As produções acadêmicas avaliadas denunciam e trazem anúncios de um grandioso esperar pela agroecologia. Ao longo dos anos, o enfoque agroecológico deixou de se limitar e de depender exclusivamente de programas governamentais esporádicos, como ocorria no início de sua institucionalização nos anos 2000 (Sousa, 2017), e foi gradativamente incorporado de forma ampliada em todas as etapas da escolarização. No curso de uma trajetória contra-hegemônica, a presença da agroecologia nas instituições de educação básica e superior provocou transformações ideológicas, estruturais, curriculares e pedagógicas (Sousa, 2017).

Na leitura dos documentos, ficou evidente a participação ativa dos coletivos organizados do campo na expansão da agroecologia no campo e na escola. Nesses termos, o movimento agroecológico não se construiu isoladamente, mas deve seu fortalecimento e expansão às redes de coletivos compostas por instituições de ensino, associações, cooperativas da agricultura familiar e/ou povos e populações originárias e tradicionais, organizações não governamentais, órgãos federais, movimentos sociais, gestores, pesquisadores, educadores/as e estudantes que, em diálogo, tecem uma contracorrente que reivindica a inclusão da agroecologia em projetos e ações educativas nos territórios brasileiros.

A maioria das pesquisas sobre agroecologia na Educação do Campo foi conduzida por mulheres, o que indica o crescimento da presença feminina nos debates sobre agroecologia na universidade brasileira. A presença feminina na autoria da maioria dos trabalhos indica um profundo envolvimento e sensibilidade das mulheres na defesa e na construção do movimento agroecológico nos espaços acadêmicos, contribuindo para um entendimento amplo e profundo do significado da agroecologia enquanto projeto de sociedade (Petersen & Almeida, 2021).

De igual modo, o protagonismo das mulheres na luta pela autonomia, pela preservação e pela valorização dos saberes agroecológicos destaca-se na literatura avaliada. A igualdade de gênero emerge como temática atual e recorrente nas pesquisas analisadas, com destaque para a trajetória política de mulheres do campo, em sua maioria negras e pardas, na busca por superar preconceitos e enfrentar desigualdades estruturais. Esse grupo suscita resistências por meio de outras pedagogias de cunho popular, oriundas das experiências cotidianas de lutas em espaços historicamente marginalizados e excludentes.

Consoante o debate, dada a importância das mulheres camponesas para o avanço da agroecologia, alguns estudos denunciam os desafios enfrentados por elas no ingresso e na permanência no ensino superior. Considerando os diferentes territórios brasileiros, destacamos a necessidade de ampliar as pesquisas sobre a realidade das mulheres agricultoras no acesso à escolarização, sobretudo na Amazônia.

De maneira semelhante, a permanência da juventude no campo é tema de diversas produções, que destacam a preocupação com a sucessão geracional na agricultura familiar camponesa. Os textos nos trazem um alerta: a influência do agronegócio no meio rural tem impactado negativamente as dinâmicas locais da agricultura camponesa, desestimulando jovens a permanecerem em seus territórios. Diante do contexto, há consenso nas pesquisas de que a permanência dos filhos de agricultores familiares no espaço rural está diretamente vinculada à superação de desafios estruturais no campo das políticas públicas, da assistência técnica, da valorização dos produtos da agricultura familiar e do acesso aos mercados.

Por fim, com poucas exceções, a maioria dos manuscritos centraliza a agroecologia nos territórios com base em interpretações essencialmente acadêmicas. Essa predominância sugere uma certa “colonialidade do saber agroecológico” produzido na universidade, no campo da pesquisa e da extensão em agroecologia. Embora o repertório acadêmico acumulado seja relevante e útil, defendemos que as análises incorporem as epistemologias das terras, das águas e das florestas, que abrigam a diversidade de saberes e práticas ancestrais de povos originários e tradicionais. Em nossa visão, torna-se necessário reivindicar uma práxis acadêmica sob uma ótica decolonial no campo da agroecologia, pela adoção e consolidação de novas posturas teórico-conceituais-metodológicas (Gomes, 2005), que incorporem a ciência dos saberes do cotidiano como válida na construção de conhecimentos em agroecologia nos ambientes acadêmicos.

Conclusões

A sistematização realizada oferece uma visão holística da perspectiva agroecológica na Educação do Campo no contexto de terras, águas e florestas do Brasil, a partir de pesquisas desenvolvidas em programas de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado. O estudo demonstrou um crescimento, especialmente na última década, da agroecologia enquanto campo de conhecimento e matriz formativa em distintos processos formativos de camponeses e camponesas.

Os resultados indicam que o avanço da agroecologia na educação formal ainda ocorre de forma desigual e periférica em muitos contextos educativos. Nos estudos situados na Amazônia incluídos nesta revisão, observou-se baixa articulação entre a agroecologia e a Educação do Campo em parte das experiências analisadas. Ademais, fatores como a ausência de políticas públicas consistentes e as fragilidades na formação docente somam-se aos desafios à consolidação da agroecologia nos espaços escolares.

Quanto à formação de educadores/as do campo em agroecologia, as investigações evidenciam essa dimensão como um dos entraves atuais ao fortalecimento da perspectiva agroecológica nas experiências. Tendo em vista esse cenário, as pesquisas apontam a necessidade urgente de programas permanentes de formação continuada sobre a temática nas redes de ensino do país. Ademais, a ausência de reconhecimento da carreira docente dos profissionais da Educação do Campo e da agroecologia se soma aos obstáculos a serem superados.

Mesmo diante de um cenário de desafios ideológicos, estruturais, políticos e pedagógicos, as formações em agroecologia têm promovido a integração entre saberes científicos e populares nos ambientes formais de escolarização, fortalecendo vínculos territoriais entre sujeitos do campo e processos vivos de vida e de trabalho. Sobre esse ponto, merece destaque a atuação dos núcleos de estudos em agroecologia como espaços estratégicos para a incorporação e consolidação do enfoque agroecológico em universidades e institutos federais de educação, por meio de ações integradas junto às comunidades camponesas.

No que tange aos avanços identificados, fazemos menção ao protagonismo das mulheres na produção científica e na promoção da agroecologia nos territórios brasileiros, articulado às reivindicações de direitos e de igualdade no espaço rural. A revisão revelou que as práticas acadêmicas e técnico-produtivas em torno da agroecologia, realizadas por mulheres, contribuem para a visibilização destas em diversos espaços socioprodutivos.

Atualmente, esse movimento tem se mostrado estratégico na promoção da equidade de gênero, na construção de espaços sociais, políticos e culturais emancipadores, além de fomentar a elaboração de políticas públicas específicas para esse grupo.

É necessário avançar na incorporação da agroecologia como política acadêmico-pedagógica permanente, pela integração do tema em perspectiva transversal, já que os estudos destacam que os principais desafios estão relacionados, sobretudo, à fragilidade dos processos de institucionalização dessa perspectiva nos ambientes educativos. A realidade constatada contribui para a ausência de um reconhecimento efetivo, tanto pela comunidade acadêmica quanto pela escolar, da agroecologia como matriz formativa estruturante, seja em cursos específicos, seja naqueles em que o tema é adotado como enfoque.

Finalizando sem concluir, a análise empreendida neste estudo estabelece-se como síntese provisória, aberta a investigações futuras e ao debate coletivo. Trata-se de um ponto de partida para novas análises e discussões, ou até mesmo para o aprofundamento das dimensões aqui iniciadas.

Referências

Abreu, V. S. de. (2020). *Associação de Mulheres Agricultoras (AMACAMPO): Um estudo sobre a Educação do Campo e os saberes da produção agroecológica de mulheres do MST* (Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Pará).

Aguiar, M. V. A. (2010). Educação em agroecologia: Que formação para a sustentabilidade? *Agriculturas: Experiências em Agroecologia*, 7(4), 4–6.
https://aspta.org.br/files/2013/04/Agriculturas_V7N4_DEZ2010.pdf

Almeida, A. H. C. de. (2019). *A agroecologia e seus espaços de produção acadêmica na UFSCar* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos). Repositório Institucional da UFSCar. <https://repositorio.ufscar.br/items/e40b3c41-7de1-47bc-a8d8-3bd0c3178874>

Almeida, L. J. S. de. (2018). *Currículo integrado do curso de agroecologia no IF Baiano – Campus Valença – BA: Entre o oficial e a prática cotidiana* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Feira de Santana).

Almeida, S. H. de. (2016). *Curso de agroecologia para as escolas localizadas no campo: Uma proposta de formação continuada no município de Campo Largo/PR* (Dissertação de mestrado profissional, Centro Universitário Internacional). Repositório Institucional Uninter. <https://repositorio.uninter.com/handle/1/74>

Almeida, W. F. da S. (2023). *Educação em agroecologia contextualizada para o semiárido: Um olhar sobre a formação de professores no Sertão do Alto Pajeú Pernambucano* (Tese de doutorado, Universidade Federal Rural de Pernambuco).

<https://portais.univasf.edu.br/ppgadt/pesquisadores/arquivos/corpo-discente-arquivos/egressos/wivianne-fonseca-da-silva-almeida/tese-wivianne-fonseca-da-silva-almeida-wivianne-fonseca.pdf>

Amador, F. E. (2014). *Os jardins agroecológicos: Relações pedagógicas entre educação ambiental e agroecologia* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Repositório Institucional da UFRRJ. <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/13205>

Amaral, A. P. do. (2019). *O ensino da agroecologia nas Escolas Família Agrícolas do estado de Goiás: Que agroecologia é essa?* (Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos). Repositório Institucional da UFSCar. <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/11318>

Araujo, A. da S. (2023). *A Comuna da Terra Irmã Alberta e o trabalho agroecológico como princípio educativo* (Dissertação de mestrado profissional, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia).

Araújo, R. C. (2017). *Educação profissional e agroecológica no Marajó agroflorestal: Entrelaçando saberes na construção do Eixo Tecnológico Recursos Naturais no IFPA Campus Breves* (Dissertação de mestrado, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará).

Bitencourt, C. M. (2022). *Princípios da agroecologia: Sinalizando caminhos para a construção de práticas educativas no ensino médio integrado* (Dissertação de mestrado, Instituto Federal Farroupilha). Repositório Institucional do IFFar. <https://arandu.iffarroupilha.edu.br/handle/itemid/664>

Brandão, V. H. (2019). *Formação de jovens em agroecologia como meio de ampliar conhecimentos e re-territorialização dos espaços rurais* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).

Busko, P. S. (2022). *O movimento do feminismo agroecológico no Vale do Ribeira (SP): Contribuições para uma educação decolonial* (Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina).

Caldart, R. S. (2020). Educação do Campo e Agroecologia: Encontro necessário [Texto de exposição]. 3º Seminário de Agroecologia e 2º Seminário de Educação do Campo do IFPE. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. <https://mst.org.br/download/educacao-do-campo-e-agroecologia-encontro-necessario/>

Caldart, R. S. (2021). Educação do Campo e Agroecologia. In A. P. Dias, A. de B. Stauffer, L. H. G. de Moura, & M. C. Vargas (Orgs.), *Dicionário de agroecologia e educação* (1ª ed., pp. 355–361). Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz; Expressão Popular. https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/dicionario_agroecologia_nov.pdf

Caldart, R. S. (2022, 24 de maio). A agroecologia na formação de educadores: Texto de exposição (Texto de exposição). Mesa “Educação do Campo e Agroecologia: Desafios na formação de educadores/educadoras”, Universidade Federal de Roraima. <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/Agroecologia-Formacao-Educadores.pdf>

- Campos, M. L. de. (2014). *Escolas no campo: Desafios e possibilidades para o ensino da agroecologia e educação ambiental em Araras (SP)* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos).
- Caporal, F. R. (2009). *Agroecologia: Uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis* (1ª ed.). MDA/SAF.
<https://www.dropbox.com/s/6rpxysmvzmm3yoe/Agroecologia%20%20uma%20ci%C3%Aancia%20para%20apoiar%20a%20transi%C3%A7%C3%A3o%20a%20agricultura%20mais%20sustent%C3%A1veis%20final.PDF>
- Carcaioli, G. F. (2019). *Educação do Campo, agroecologia e ensino de ciências: O tripé da formação de professores* (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas).
- Cardoso, L. F. (2023). *A horta na educação infantil do CMEI Lauro Muller de Cidade Gaúcha-PR como integração aos valores agroecológicos* (Dissertação de mestrado profissional, Universidade Estadual de Maringá).
- Carvalho, F. C. de. (2023). *Os Núcleos de Estudos Agroecológicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo: Política pública, práxis e representações sociais* (Tese de doutorado, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro).
- Castro, M. S. Ú. de. (2021). *A agroecologia como instrumento de formação emancipadora de estudantes do ensino médio na escola pública no Paraná* (Dissertação de mestrado profissional, Universidade Estadual de Maringá).
- Castro, R. A. (2022). *A agroecologia e a Educação do Campo no projeto político pedagógico de escolas do campo em assentamentos do MST no território de identidade do sudoeste baiano* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia).
- Cazzanelli, P. (2022). *A agroecologia aliada ao ensino de ciências e à educação integral do sujeito* (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).
- Coelho, F. A. O. (2021). *O ensino de ciências com agroecologia em uma abordagem interdisciplinar* (Tese de doutorado, Universidade Federal de Mato Grosso).
- Conforto, E. C., Amaral, D. C., & Silva, S. L. da. (2011). Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: Aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. In *Anais do 8º Congresso Brasileiro de Gestão de Desenvolvimento de Produto* (pp. 1–12). Instituto de Gestão de Desenvolvimento do Produto. <https://repositorio.usp.br/item/002833837>
- Coutinho, J. (2018). *Formação em agroecologia: Um estudo das práticas educativas do curso de Tecnólogo em Agroecologia da Escola Agrotécnica da Universidade Federal de Roraima* (Tese de doutorado, Universidade Federal do Ceará).
- Couto, J. de J. (2015). *Entre águas e florestas: Alternância Pedagógica na Reserva Extrativista do Mapuá/Breves-Marajó* (Dissertação de mestrado, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará).
- Dias, A. P., Stauffer, A. de B., Moura, L. H. G. de, & Vargas, M. C. (Orgs.). (2021). *Dicionário de agroecologia e educação* (1ª ed.). Escola Politécnica de Saúde Joaquim

Venâncio/Fiocruz; Expressão Popular.

https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/dicionario_agroecologia_nov.pdf

Engelmann, S. A. (2020). *A territorialização da educação agroecológica profissionalizante: Uma análise crítica das narrativas e discursos de alunos e professores do IFPR* (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Ponta Grossa).

Ferrari, E. A., & Oliveira, M. M. de. (2019). Educação do Campo e Agroecologia: possibilidades de articulação a partir da identidade e diversidade em suas concepções e práticas. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, 4, e6701. <https://doi.org/10.20873/uft.rbec.v4e6701>

Frigotto, G. (2012). Educação politécnica. In R. S. Caldart, I. B. Pereira, P. Alentejano, & G. Frigotto (Orgs.), *Dicionário da Educação do Campo* (pp. 272–279). Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz; Expressão Popular. <https://contraosagrototoxicos.org/wp-content/uploads/2016/12/dicionario-de-Educacao-do-Campo.pdf>

Funez, E. (2017). *Proposta de uma metodologia de ensino sobre aplicações da função afim a partir de situações problemas relacionados à agroecologia* (Dissertação de mestrado profissional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná).

Garcia, M. P. (2020). *O discurso da agroecologia encontrado nos livros de ciências aprovados pelo PNLD 2017 e escolhidos pelas escolas do município de Uberlândia-MG* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia).

Gomes, J. C. C. (2005). Bases epistemológicas da agroecologia. In A. M. de Aquino & R. L. de Assis (Eds.), *Agroecologia: Princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável* (pp. 71–99). Embrapa Informação Tecnológica. <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1079843/agroecologia-principios-e-tecnicas-para-uma-agricultura-organica-sustentavel>

Gomes, R. (2019). *A formação técnica e agroecologia no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: O curso pós-médio em “Cooperativismo e Agroecologia” no estado de São Paulo* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista). <http://hdl.handle.net/11449/182065>

Gomes, T. O. (2014). *Formação superior em agroecologia e Educação do Campo: Práticas sociais que transbordam áreas de conhecimento* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Viçosa).

Guhur, D. M. P., Toná, N., & Silva, I. M. de S. e. (2016). As práticas educativas de formação em Agroecologia da Via Campesina no Paraná. *Cadernos de Agroecologia*, 11(1).

Guimarães, B. R. (2017). *O estado da arte da agroecologia na UFRRJ com enfoque nas produções acadêmicas em agroecologia na pós-graduação* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).

Jacob, L. B. (2011). *Agroecologia e universidade: Entre vozes e silenciamentos* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo). Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/T.91.2011.tde-19092011-095643>

- Kubiak, C. (2023). *A pedagogia feminista e a agroecologia como ferramentas de transformação social na vida de mulheres camponesas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra da Cantuquiriguaçu/PR* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Fronteira Sul).
- Kusniewski, F. P. P. (2018). *Agroecologia e Educação do Campo: Meios de promover a permanência do jovem no campo?* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Fronteira Sul).
- Leal, E. S. (2018). *Formação profissional técnica agroecológica para assentados no Pontal do Paranapanema* (Dissertação de mestrado, Universidade do Oeste Paulista).
- Lima, M. P. M. (2017). *Escola do campo, currículo e práticas agroecológicas: Um estudo sobre a Escola Família Agrícola Dom Fragoso* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará).
- Lima, R. B. (2023). *Educação do Campo, agroecologia e o modo de vida camponês: Uma análise sobre a práxis dos egressos da LEDOC/UFPI/CPCE* (Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília).
- Lobo, D. da S. (2018). *Agroecologia e Educação do Campo: Experiências educativas da Escola Família Agrícola (EFA), no município de Marabá* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará).
- Loureiro, J. de O. (2017). *A transversalidade da agroecologia em uma escola particular do município de Porto Alegre no Ensino Fundamental I* (Dissertação de mestrado, Universidade Luterana do Brasil).
- Marinho, D. L. (2015). *Rompendo cercas e construindo saberes: A juventude na construção da educação profissional do campo no Sudeste do Pará* (Dissertação de mestrado, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará).
- Marliére, R. G. T. (2018). *Educação do Campo na Universidade Federal de Viçosa: A constituição da Licenciatura em Educação do Campo* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Viçosa).
- Mascarenhas, A. D. C. do N. (2023). *A emancipação feminina como princípio agroecológico para implementação da política pública da Educação do Campo no Assentamento Pátria Livre* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia).
- Medeiros, P. C. (2018). *O ensino de ciências e a agroecologia no plano de estudos das escolas itinerantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina).
- Melega, A. A. S. (2023). *Relações entre agroecologia e educação ambiental: Reflexões sobre uma proposta de ensino* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Lavras).
- Mello, J. C. de. (2023). *Educação do Campo e agroecologia: A materialização do processo na Escola Iraci Salete Strozak* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Fronteira Sul).

- Miranda, É. L. (2014). *Intercâmbios e diálogos entre Educação do Campo e agroecologia* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Viçosa).
- Miranda, J. A. D. (2019). *Abordagem da agroecologia nos cursos de Agronomia do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus São João Evangelista e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).
- Mocellin, E. (2016). *O lugar da agroecologia no currículo da escola do campo* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Fronteira Sul).
- Mombach, A. A. (2018). *Percepções, valores e conhecimento dos estudantes da educação básica do sul do Brasil sobre agroecologia* (Dissertação de mestrado, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões).
- Neto, P. (2023). *Jovens mulheres camponesas egressas da escola do campo do Ceará e as práticas agroecológicas nos quintais produtivos* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Ceará).
- Nogueira, M. V. S. (2023). *Educação no/do campo e agroecologia: Uma análise pedagógica da Ecoescola Thomas a Kempis-PI* (Dissertação de mestrado, Universidade de Pernambuco).
- Oliveira Júnior, C. E. de. (2019). *A pedagogia da alternância e a construção do conhecimento agroecológico no norte do estado do Espírito Santo: Desafios e possibilidades* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).
- Oliveira, A. P. (2023). *Educação popular no campo: O lugar da práxis agroecológica e os desafios formativos na comunidade São Miguel I em Itaiçaba-CE* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Ceará).
- Oliveira, A. V. (2023). *A Educação do Campo e a agroecologia na constituição do campesinato no Ceará, Brasil* (Tese de doutorado, Universidade Federal do Ceará).
- Oliveira, F. P. (2023). *Educação do Campo perante a ofensiva do capital: A experiência do Pronera na cidade de Buriticupu-MA* (Tese de doutorado, Universidade Federal de Pelotas). <https://guaiaca.ufpel.edu.br/xmlui/handle/prefix/17693>
- Paulino Filho, L. B. (2021). *Educação profissional agrícola em perspectiva integral: Proposta de debates em temática agroecológica* (Dissertação de mestrado, Instituto Federal de Mato Grosso do Sul).
- Pereira, K. A. (2015). *Educação do Campo e rede de movimentos no sudeste do Pará: Agroecologia e cooperativismo na relação entre trabalho e educação* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo).
- Pereira, N. F. F. (2017). *Trabalho, capital e educação: Análises comparadas a partir dos cursos de Agroecologia IFPR e ITEPA* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná).
- Petersen, P., & Almeida, S. G. de. (2021). Articulação Nacional de Agroecologia. In A. P. Dias, A. de B. Stauffer, L. H. G. de Moura, & M. C. Vargas (Orgs.), *Dicionário de agroecologia e educação* (1ª ed., pp. 131–140). Escola Politécnica de Saúde Joaquim

Venâncio/Fiocruz; Expressão Popular.

https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/dicionario_agroecologia_nov.pdf

Pinheiro, M. J. B. (2019). *A contribuição dos Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) para o ensino, pesquisa e extensão em instituições no nordeste paraense* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará).

Pinto, D. S. (2014). *Identidades e trajetórias de educadores na agroecologia* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).

Pinto, M. C. E. (2022). *Metodologias participativas de educação em solos na Escola Municipal CEFFA Flores em Nova Friburgo, RJ: A pedagogia da alternância como estratégia de sensibilização para a transição agroecológica* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).

Ramos, M. L. (2021). *Agroecologia nas diretrizes curriculares da Educação do Campo do estado do Paraná* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá).

Rodrigues, V. C. (2019). *Ideias, interesses e institucionalizações: Propostas de fortalecimento da agroecologia nos Territórios da Cidadania no Estado do Pará* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará).

Sacani, A. D. N. (2023). *Do currículo ao livro didático: Uma proposta de inserção dos temas agroecológicos no plano de trabalho docente no componente curricular Geografia para o sexto ano do ensino fundamental* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá).

Santos, A. N. dos. (2020). *A diversidade socioterritorial dos sujeitos do campo no curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná).

Santos, C., Michelotti, F., & Sousa, R. da P. (2010). Educação do Campo, Agroecologia e protagonismo social: A experiência do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). *Agriculturas: Experiências em Agroecologia*, 7(4), 7–11.
<https://repositorio.ifpa.edu.br/jspui/handle/prefix/324>

Santos, F. de A. (2021). *Educação do Campo e agroecologia: Diferentes espaços/tempos de formação e construção coletiva do conhecimento* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Piauí).

Santos, S. L. F. (2018). *Educação ambiental nas escolas no campo do município de Castanhal: Uma análise à luz da perspectiva crítica* (Dissertação de mestrado, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará).

Seminário Nacional de Educação em Agroecologia. (2023). Tapiris de saberes: Sobre a metodologia de partilha das experiências (Trabalho apresentado no III Seminário Nacional de Educação em Agroecologia, Castanhal, PA).

Serrano, J. S. (2014). *Mulheres da Borborema construindo a agroecologia e a igualdade de gênero* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba).

- Silva, I. de O. (2014). *Juventude e agroecologia: Caminhos que se encontraram na Escola Agrotécnica Federal de Castanhal-Pará* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).
- Silva, J. C. M. da. (2023). *Educação do/no campo, geografia e agroecologia: Resistência, produção e saberes na Escola Estadual Damião Mamedes do Nascimento – Jangada-MT e Escola Estadual Agrícola Terra Nova – Terra Nova do Norte-MT* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso).
- Silva, L. S. da. (2023). *Agroecologia e pedagogia da alternância: Limites e possibilidades para a formação de jovens camponeses na EFAMI* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia).
- Silva, M. G. da. (2020). *Pedagogia do Movimento Agroecológico: Fundamentos teórico-metodológicos* (Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense).
<https://locus.ufv.br/handle/123456789/28384>
- Silva, N. R. da, & Vasconcelos, G. O. S. (2021). Agroecologia nas escolas do campo: Um processo em construção. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, 30(61), 219–232. <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2021.v30.n61.p219-232>
- Silveira, D. I. (2020). *Um olhar para a agroecologia e a educação ambiental no ensino de ciências na escola itinerante do MST* (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Londrina).
- Simas, A. S. de. (2019). *A formação do técnico em agropecuária na perspectiva agroecológica* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).
- Simoni, J. C. de. (2014). *Situações de interface e construção do conhecimento: Grupos de agroecologia, agricultores e universidade* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul).
- Siqueira, L. de M. (2020). *As representações sociais dos educadores dos centros familiares de formação em alternância sobre agroecologia* (Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais).
- Soares, S. H. de M. (2015). *Os laços da educação popular e da agroecologia na práxis da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu/RJ* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).
- Sousa, R. da P. (2017). Agroecologia e Educação do Campo: Desafios da institucionalização no Brasil. *Educação & Sociedade*, 38(140), 631–648. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017180924>
- Sousa, R. da P., Cruz, C. R. F., Zaquini, P., & Cerri, D. (2021). Educação em Agroecologia. In A. P. Dias, A. de B. Stauffer, L. H. G. de Moura, & M. C. Vargas (Orgs.), *Dicionário de agroecologia e educação* (1ª ed., pp. 361–367). Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz; Expressão Popular.
https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/dicionario_agroecologia_nov.pdf

- Souza, A. S. de. (2018). *Educação do Campo e agroecologia: Emancipação e resistência camponesa a partir da formação popular – O caso da Escola Latino-Americana de Agroecologia – ELAA* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo).
- Souza, F. D. de. (2020). *Agroecologia e educação ambiental: Potencialidades educativas a partir de uma horta escolar* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande).
- Souza, R. P. (2023). *Educação e agroecologia no Assentamento Dois Riachões* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas).
- Suzuki, J. C., & Bonfá Neto, D. (2019). Pesca artesanal na América Latina: Pesquisa, conflitos e dilemas, uma revisão bibliográfica. *Mares: Revista de Geografia e Etnociências*, 1(1), 97–114. <https://revistamares.com.br/index.php/files/article/view/24>
- Teixeira, Â. R. (2022). *O desenvolvimento de um projeto com a temática agroecologia em uma escola do campo na perspectiva freiriana: Uma análise dos desafios e potencialidades* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri).
- Toná, N. (2016). *Contribuição dos egressos da Escola Milton Santos para a promoção da agroecologia e desenvolvimento dos assentamentos de reforma agrária no Paraná* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá).
- Tranfield, D., Denyer, D., & Smart, P. (2003). Towards a methodology for developing evidence-informed management knowledge by means of systematic review. *British Journal of Management*, 14(3), 207–222. <https://doi.org/10.1111/1467-8551.00375>
- Trigueiro, N. C. R. (2018). “*Não tem como a gente entrar numa graduação e sair uma mesma pessoa, não*”: *A construção da identidade profissional das discentes do curso de Agroecologia (IFPB/Campus Picuí)* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual da Paraíba).
- Troilo, G. (2017). *Luta de classes no ensino superior: Desafios e contradições presentes no desenvolvimento da formação em agroecologia na universidade brasileira* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista).
- Vergütz, C. L. B. (2021). *Pedagogia das vozes e dos silêncios: Experiências das mulheres na pedagogia da alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC* (Tese de doutorado, Universidade de Santa Cruz do Sul).
- Vieira, L. C. (2017). *A pedagogia da alternância do curso em Agroecologia: Um estudo de caso no IFSul* (Dissertação de mestrado, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense).
- Vieira, T. C. L. (2018). *A relação educação e agroecologia: Um estudo sobre experiências em escolas do MST, no Paraná* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná).
- Zanelli, F. V. (2015). *Educação do Campo e territorialização de saberes: Contribuições dos intercâmbios agroecológicos* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Viçosa).

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 26/11/2025

Aprovado em: 06/07/2026

Publicado em: 30/09/2026

Received on November 26th, 2025

Accepted on July 06th, 2026

Published on September, 30th, 2026

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Araújo, R. C., Sousa, R. P., & Molina, M. C. (2026). A construção e a territorialização da Agroecologia na Educação do Campo no Brasil: revisão sistemática da produção científica (2014–2023). *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 11, e20188.

ABNT

ARAÚJO, R. C.; SOUSA, R. P.; MOLINA, M. C. A construção e a territorialização da Agroecologia na Educação do Campo no Brasil: revisão sistemática da produção científica (2014–2023). **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 11, e20188, 2026.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 11	e20188	UFNT	2026	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	-------	--------	------	------	-----------------